Num mundo crescentemente globalizado, mas também fragmentado por tensões identitárias, religiosas e culturais, o diálogo entre culturas e religiões revela-se uma necessidade ética, política e social de primeira ordem. A convivência pacífica entre povos, marcada pela diversidade de crenças, convicções e valores, exige mais do que tolerância: requer compreensão mútua, reconhecimento das diferenças e disposição para o encontro. É neste contexto que o diálogo intercultural e inter-religioso se afirma como instrumento fundamental para a construção da paz e da cooperação internacional.

A coexistência entre diferentes tradições religiosas nem sempre foi pacífica ao longo da história. As grandes religiões monoteístas, judaísmo, cristianismo e islamismo, compartilham raízes e valores, mas também acumulam séculos de disputas, perseguições e guerras. No entanto, o século XXI apresenta novos desafios: conflitos localizados, migrações em massa, discursos de ódio disseminados pelas redes sociais e a ascensão de fundamentalismos tornam urgente a criação de espaços de escuta e partilha entre comunidades de fé distintas. Neste panorama, o diálogo inter-religioso não é apenas uma prática espiritual ou diplomática, mas um imperativo para a estabilidade das sociedades multiculturais contemporâneas (Abu-Nimer, 2001).

Portugal, com sua longa história de contacto entre civilizações, marcada pelo legado muçulmano, pelas relações com África, América Latina e Ásia, e por uma crescente diversidade religiosa no século XXI, apresenta-se como um lugar privilegiado para acolher iniciativas de promoção do entendimento intercultural. A instalação da sede mundial do KAICIID, Centro Internacional para o Diálogo Inter-Religioso e Intercultural, em Lisboa, reflete esse potencial. Fundado em 2012 por iniciativa da Áustria, da Arábia Saudita e da Espanha, com apoio da Santa Sé como observadora fundadora, o KAICIID tem como missão promover o diálogo como ferramenta para prevenir e resolver conflitos, combater o extremismo e fomentar a coexistência pacífica (Centro Internacional para o Diálogo Inter-Religioso e Intercultural [KAICIID], 2023).

A presença desta instituição em solo português representa não apenas um reconhecimento da neutralidade diplomática do país, mas também uma oportunidade estratégica para o reforço do papel de Portugal como plataforma de pontes culturais e mediadoras globais. A sua atuação articula líderes religiosos, formuladores de políticas públicas, académicos e membros da sociedade civil com o objetivo de criar redes de confiança e conhecimento mútuo.

Entre os pilares fundamentais do diálogo intercultural está a escuta ativa. Ouvir o outro, sem a intenção de converter, corrigir ou vencer, constitui o ponto de partida para qualquer processo autêntico de aproximação. Esta escuta implica reconhecer a humanidade do outro, mesmo quando as suas crenças nos são estranhas ou desconfortáveis. Como observa Gadamer (1999), o entendimento não pressupõe anulação das diferenças, mas abertura ao horizonte do outro. Neste sentido, o diálogo inter-religioso não busca homogeneizar crenças, mas construir uma linguagem comum de respeito, paz e cooperação.

É também essencial reconhecer que o diálogo não se dá em abstrato, mas em contextos sociais concretos, muitas vezes marcados por assimetrias de poder, preconceito ou histórico de exclusão. O diálogo verdadeiro exige, por isso, uma dimensão ética e política: não basta reunir líderes em conferências internacionais, é necessário criar condições para que minorias religiosas tenham voz, que comunidades marginalizadas sejam escutadas e que o pluralismo se traduza em políticas públicas inclusivas (Taylor, 1994).

Neste contexto, o papel da educação é central. Promover a literacia religiosa e intercultural nas escolas, universidades e nos meios de comunicação contribui para desmontar estereótipos, combater a ignorância e cultivar uma cultura de paz. Como salientam Jackson e Miedema (2009), educar para o diálogo implica formar cidadãos capazes de viver com o outro, de lidar com a diferença sem medo e de contribuir para sociedades mais democráticas e coesas. A ausência de conhecimento sobre religiões e culturas distintas abre espaço para o medo, a desinformação e a radicalização. A educação para o diálogo deve, por isso, ser transversal e contínua, envolvendo não apenas crianças e jovens, mas também adultos, líderes comunitários, jornalistas e agentes públicos.

A ação do KAICIID nesta área é significativa. Através de programas de formação, publicações, projetos de campo e parcerias internacionais, o centro promove competências de mediação, empatia intercultural e construção de pontes entre comunidades em contextos sensíveis. Os seus projetos em países como Nigéria, Líbano, Myanmar e República Centro-Africana demonstram a eficácia do diálogo em cenários de pós-conflito, onde a reconstrução social depende da reconciliação entre grupos religiosos anteriormente hostis. Em Portugal, o desafio é diferente, mas não menos relevante: promover a convivência num país cada vez mais plural, onde muçulmanos, judeus, evangélicos, hindus, budistas e outras comunidades minoritárias convivem com uma maioria católica historicamente dominante.

O diálogo entre culturas é também um processo de descentralização do eu. Implica abdicar da pretensão de verdade única e aceitar que o outro possui uma cosmovisão legítima, enraizada numa experiência diferente da nossa. Este exercício de relativização do ponto de vista próprio é exigente, mas profundamente libertador. Ele conduz àquilo que Appiah (2006) chama de "cosmopolitismo": uma ética da convivência baseada no reconhecimento de que, embora as culturas tenham tradições diferentes, partilham valores fundamentais como a dignidade humana, o cuidado, a compaixão e o desejo de paz.

Em tempos de crise global, como os provocados pela pandemia de COVID-19, pelas alterações climáticas ou pelos conflitos armados recentes, o diálogo intercultural e inter-religioso assume uma importância redobrada. Estes desafios não conhecem fronteiras nem respeitam filiações religiosas. Exigem soluções colaborativas e uma ética global da solidariedade. O diálogo é, neste sentido, uma ferramenta de sobrevivência coletiva. O combate à radicalização, por exemplo, não se faz apenas por via policial ou securitária. Exige respostas sociais e culturais: é preciso oferecer aos jovens um sentido de pertença, oportunidades de participação e narrativas de esperança que os afastem do extremismo (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], 2018). O diálogo oferece precisamente essa via: cria laços, constrói pontes e gera empatia onde antes havia hostilidade.

É igualmente importante reconhecer os limites e desafios do diálogo. Nem todos os encontros são fáceis, nem todas as diferenças são conciliáveis. Há posições religiosas ou culturais que entram em choque com os direitos humanos, com a igualdade de género ou com a liberdade de expressão. O diálogo não pode ser usado como desculpa para relativizar abusos ou silenciar denúncias legítimas. Deve haver critérios éticos claros que orientem esse processo, com firmeza na defesa da dignidade humana e dos princípios democráticos.

Apesar destes desafios, é inegável que o diálogo continua a ser o melhor caminho. Não há paz sustentável sem compreensão mútua. Não há democracia robusta sem respeito pela diversidade. E não há humanidade possível sem empatia. Em Portugal, o trabalho de instituições como o KAICIID, bem como de comunidades religiosas, escolas, universidades e organizações da sociedade civil, mostra que é possível construir, passo a passo, uma cultura de diálogo enraizada na escuta, no respeito e na cooperação.

Conhecer-nos nas nossas diferenças é mais do que um ato de curiosidade, é um ato de paz. É

reconhecer que o outro, na sua diferença, também nos constitui. E que a riqueza das culturas e das religiões não está em dissolver as fronteiras identitárias, mas em construir pontes de compreensão através delas. Em tempos marcados pela polarização e pelo medo, o diálogo é um gesto de resistência e de esperança.

Referências Bibliográficas

Abu-Nimer, M. (2001). Conflict resolution, culture, and religion: Toward a training model of interreligious peacebuilding. *Journal of Peace Research, 38*(6), 685–704. https://doi.org/10.1177/0022343301038006003

Appiah, K. A. (2006). *Cosmopolitanism: Ethics in a world of strangers*. W. W. Norton & Company.

Centro Internacional para o Diálogo Inter-Religioso e Intercultural. (2023). *Our mission and work*. https://www.kaiciid.org

Gadamer, H.-G. (1999). *Truth and method* (2nd ed.). Continuum.

Jackson, R., & Miedema, S. (2009). Religious education and the European context: An overview. In R. Jackson, S. Miedema, W. Weisse, & J. Everington (Eds.), *Religious education in Europe: Developments, contexts and debates* (pp. 7–32). Waxmann.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2018). *Youth and violent extremism on social media: Mapping the research*. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260382

Taylor, C. (1994). *Multiculturalism: Examining the politics of recognition*. Princeton University Press.